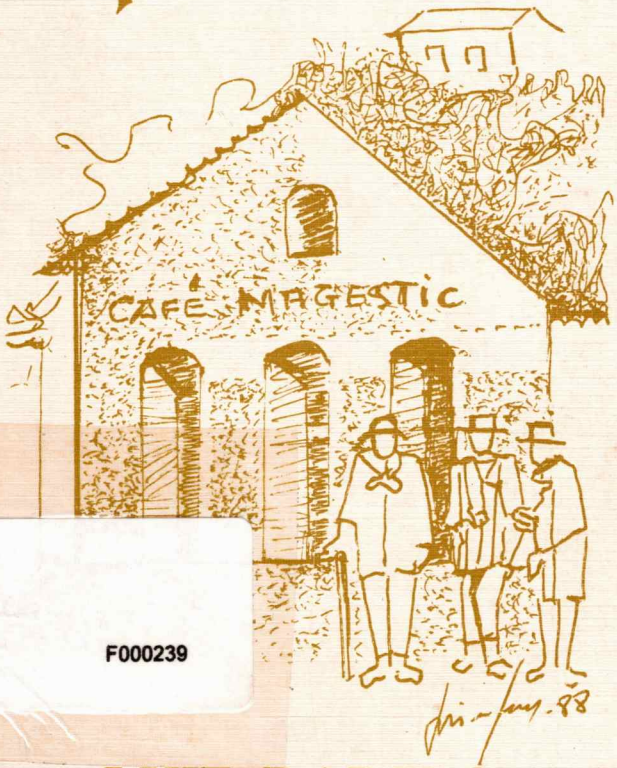
Elegia para um pássaro



LUIZ RABELO

82(813.2)-5
R114e
1987 / Ex.01
F000239

FARN

ELEGIA PARA UM PÁSSARO

(Discurso em homenagem à memória de Jaime dos G. wanderley)

LUIZ RABELO

Luiz Rabelo
Natal, 21/09/993

Natal, RN
1987

ELEGIA PARA UM PÁSSARO

(Discurso em homenagem à memória de Jaime dos C. Wanderley)

LUIZ RABELO

Natal, RN
1957

FARN

Aqui, nesta Academia, no dia de minha posse, referindo-me ao meu antecessor, o eminente Floriano Cavalcanti de Albuquerque, tive a oportunidade de pronunciar estas palavras: "Fora melhor, talvez, quem sabe, que eu nada dissesse, e que só a voz do silêncio, feita saudade em meu coração, fosse a única linguagem reverenciadora à sua augusta memória."

Estas mesmas palavras são aplicáveis, por inteiro, com inteira justiça, a essa outra figura admirável por todos os títulos, a esse poeta que se chamou Jaime dos Guimarães Wanderley.

Acresçam-se, também, como ocorreu com Floriano Cavalcanti em circunstâncias diferentes, as coincidências felizes que marcaram nossos encontros na vida.

É que foi através de Jaime que tive ingresso nesta Casa, tendo sido ele o portador prestimoso dos votos que me foram concedidos, e foi ele, também, o primeiro a dar-me a notícia de minha eleição quando, ao lado de Enélio Petrovich, teve a gentileza de comemorar comigo e os meus familiares, a minha vitória neste importante cenáculo de letras norte-rio-grandense.

Foi também Jaime que propôs, em 1979, através da Academia de Trovas do Rio Grande do Norte, fosse levado ao Dr. Onofre Lopes, à época Presidente desta Academia e do Conselho de Cultura do Estado, bem como ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico, o Escritor Enélio Lima Petrovich, o nome do pintor e poeta conterrâneo Manoel de Moura Rabelo, meu irmão, para uma das ruas desta Capital, nome que mereceu inteira aprovação por parte do Prefeito naquela época, o atual Senador José Agripino Maia, que assinou o decreto em sessão especial no Salão Nobre da Prefeitura, com a presença do público e de todos os parentes do homenageado.

As relembranças se sucedem. Vejo-o na casa de Djalma Maranhão, em diversas oportunidades, lendo os seus poemas e proclamando a Djalma o valor de Marcos — filho de Djalma — vaticinando para o orador, adolescente ainda, as maiores conquistas na oratória, o que se tornou uma realidade.

Relembro e ressalto as muitas vezes em que se manifestou pela imprensa, dando-me todo o seu estímulo e solidariedade, especialmente no episódio de minha eleição para Príncipe dos Trovadores Potiguares, apenas protestado por dois membros da Academia de Trovas. Apesar da esmagadora maioria, foi feita nova eleição, a meu pedido, verificando-se os mesmos resultados da anterior. E Jaime, que sempre esteve comigo, sempre ao meu lado, ele próprio se encarregou de redigir a ata da eleição e de assinar, dias depois, o respectivo diploma, que trago emoldurado e exposto numa das paredes da minha casa.

Relembro, ainda, o discurso que proferiu no Museu de Arte e História — hoje Museu Café Filho — em presença do Governador Walfredo Gurgel, exaltando os méritos do pintor e poeta Moura Rabelo, quando este fez doação de importantes quadros de sua autoria ao citado Museu.

E por falar naquela casa de história, é oportuno revelar a coincidência de que foi lá que ele nasceu, no dia 06 de julho de 1897.

Coincidentemente, também, devo acrescentar que durante mais de uma década, precisamente 13 anos, fui o diretor daquela Casa, muitas vezes visitada, com grande emoção, por Jaime Wanderley, e onde, em muitas oportunidades, fomos julgadores de concursos de poesias e trovas, de âmbito até internacional, numa perfeita afinidade de pontos de vista, de opiniões nunca desencontradas ou discordantes.

Foi ainda Jaime dos Guimarães Wanderley quem me saudou, desta tribuna, quando de minha posse nesta Academia.

Estas coincidências todas completam-se agora com a minha escolha pelo ilustre Presidente desta Casa, Acadêmico Diógenes da Cunha Lima Filho, para fazer o necrológio desse admirável poeta, desse homem onde não se sabe o que foi maior, se a sua poesia, se a sua condição humana, de criatura boníssima, de cidadão exemplar, de esposo e pai amantíssimo, de crente fervoroso na sua fé católica.

Há um fato curioso na vida de Jaime que talvez alguns dos senhores acadêmicos desconheçam. Reporto-me à maneira carinhosa como era ele tratado, por exemplo, pelo nosso nunca esquecido e nunca demais louvado mestre Câmara Cascudo. É que Câmara Cascudo costumava chamar o nosso poeta de "São Jaíme", emprestando toda a força da tonicidade à segunda vogal da palavra. Esta é a prova inequívoca da velha e indestrutível amizade que os unia desde a infância, a demonstração maior da admiração, do respeito do velho mestre Cascudo pelo poeta natalense.

Esta amizade vinha consolidada não só pela infância de ambos, mas, também, pelos anos da juventude e da maturidade vitoriosa, quando os dois frequentavam o famoso Magestic, o Café da Rua Ulisses Caldas, que reunia as expressões mais legítimas da nossa intelectualidade, traduzida nas presenças constantes de nomes como Jorge Fernandes, João de Amorim Guimarães, Othoniel Menezes, Damasceno Bezerra, Bezerra Júnior, João Carlos de Vasconcelos, João Cirineu, Fábio Zambrotti, João Estevam, Josué Tabira da Silva, Evaristo de Souza, Elissózio Guimarães e muitos outros.

Poder-se-ia dizer que o Café Magestic era uma espécie de templo sagrado dos intelectuais da época.

E já que me referi a Jorge Fernandes, cabe-me fazer aqui algumas observações relevantes.

Refiro-me ao pioneirismo, não só de Jorge, mas, também, de Jaime Wanderley, introduzindo no cenário das letras do Rio Grande do Norte a poesia moderna eclodida no movimento literário de 1922, em São Paulo.

Tendo sido Jorge Fernandes contemporâneo de Jaime, partícipe de prolongadas tertúlias nos bares da cidade, é permitido perguntar-se quem influenciou quem, levando-se em conta que foi Jaime, igualmente, pelo menos num único livro — Espinhos de Jurema — um poeta de características fortemente modernistas, o que se pode demonstrar a seguir.

Por exemplo, no poema "Dia Claro", lê-se este trecho:

O sol grita um grito de seriema
nas reboladas de mato mal desperto
amadurando o fruto dos cardeiros,
espelhando-se no açude,
assanhando as marrecas e os socós...
bronzeando o dorso nu dos trabalhadores
do eito

brilhando na folha das enxadas...
Faísca na malacacheta miúda
do leito seco dos rios cansados,
onde as emas se espojaram ciosas,
e os tetéus indiscretos
atravessaram noites e noites, assustados...

A cacimba esgotada na outra tarde,
está cheia de água limpa para o gado
que saíu preguicento, dos currais,
E na alegria nervosa da manhã,
assobiam, no arvoredo despenteado,
canários, sanhaçus e sabiás...

FARN

Um cheiro bom de cousa virgem
sobe, na terra onde as juremas crescem,
do lirismo dos campos e das matas,
enquanto as palmatórias se abotoam
e os mufumbos cheirosos reflorescem,
cheios de seiva, pra louvar o sol.

Do poema "Banho no rio", destaco o seguinte trecho:

um magote de moleques ardilosos
se prepara,
com inquietação,
para o mergulho da "Galinha Gorda"...

Um magricela, espevitado,
talvez o mais travesso da ribeira,
levanta a pedra rara
na mão...

— Galinha Gorda!
— Gorda ela.
— Quem comeu?
Fui eu e Mateu...

Felicidade!
"Galinha Gorda" da vida
que eu atirei, menino,
no rio de água revolta do meu destino.

— Quem comeu?
— Não fui eu...

No poema "Açude", de rara beleza descritiva, lê-se este primor:

O crepúsculo escancarou
a boca ensanguentada
sobre a água, que ficou
toda chamalotada...

Torna-se impossível a transcrição, no seu todo, dos poemas de Jaime Wanderley, mesmo daqueles considerados de invulgar beleza. Um necrológio simples, como este, que não pretende ser prolixo, não comporta, evidentemente, um estudo mais detalhado da obra do poeta de "Fogo Sagrado", um dos seus primeiros livros. Leia-se, entretanto, no poema "Vaquejada de Apartação", esta jóia de poesia:

Um por-de-sol, barrento de verão,
está trepado no lombo da serra do Gavião.

No poema que se segue, do citado livro — Espinho de Jurema — edição de 1934, veja-se esta descrição, em "Cafuzinho":

As árvores engrujadas na neblina
cochilam com frio...
Elas não têm cobertores de lã,
nem meias para aquecer os pés.
Como são pobres as árvores do Sertão!

Mais adiante, no mesmo poema:

Na latada de palha do oitão.
o vaqueiro, diligente,
lê a "buena-dicha" do sertão,
na sua ingenuidade,
olhando a barra de chumbo do poente
onde os relâmpagos escrevem,
num alfabeto que ninguém entende,
letreiros
anunciando
tempestade.

No poema "Mestre Damião", observa-se este sopro de lirismo regionalista, esta cena de pura nordestinidade, de costumes do nosso sertanejo:

...sentado num cepo de pau darco
lava os pés para desenfadar

E no mesmo poema, logo adiante:

A lua pinota das barras
ligeira como uma caça.
É linda.
Parece uma coisa que ele nunca viu...
Pega o cachimbo, cabeça de barro,
canudo de pimenteira,
vai beber fumaça.

E mais adiante, num remate feliz:

Damião maginou,
lavou os pés,
bebeu fumaça
e foi se deitar...

Outro poema, de extraordinária beleza, é "Meio Dia", onde o poeta sofre com a seca, se identifica teluricamente com a dor da Natureza:

Uma asa cansada
virgula o espaço, indecisa...
Multidão angustiada
de galhos hirtos,
braços desesperados da terra enxuta,
se empinam para o céu,
numa atitude de misericórdia.
.....
Sobe da terra um calor fogareiro.

E novamente, trechos adiante:

O rio é um espelho de malacacheta,
carregado de seixos e lageiros.

Outro poema, de inusitada beleza é "Tarde". Impossível transcrevê-lo na íntegra:

O sol declina e, em fogo vivo e calor,
o céu se transfigura.
As tintas do poente tomam a cor
de maçaranduba madura.

Um trecho de "Noite Sertaneja":

Uma lamparina rebola a chama no vento.
Perneiras, peitorais, vestes de couro, arreios,
como enforcados por culpa, se balançam
nas forquilhas agudas dos esteios.

E, no mesmo poema, chamo a atenção para a beleza da imagem:

O céu parece uma cuia de chumbo,
onde a natureza vem guardar
as flores de mufumbo
do luar.

Em "Mãe da Lua", sente-se Jorge Fernandes, no poema "Rede". Diz Jaime:

Lua Minguante.
— Rede tecida com fios de gravatá
suspensa no ar...

"Cascavel" é outro poema de intenso colorido. Veja-se o trecho inicial:

Ondeia, chamalotada
e queda
como alguém que estivesse
vigilante, amoitado, espreitando
o inimigo...

Depois, esta beleza bárbara, onde se percebe aquilo que posteriormente veio a se chamar **concretismo:**

E depois, indecisa,
insolente, se elastece,
abandona o serrote,
e faminta articula
as vértebras em **s**
e vai rondar o açude,
à cata dos caçotes
pra saciar a gula...

Chamo a atenção para o verso: "as vértebras em s", e me parece inconcebível que os teóricos da poesia moderna jamais tenham percebido a força visual dessa imagem.

Em que pese ter existido em Natal (baseio-me em pesquisa de Anchieta Fernandes, no livro "Femina Infantis", Pag. 63, editação do autor, 1987) um tal de Totônio, que muito antes da Semana de Arte Moderna, de 22, publicara uma Canção Sem Rima e Sem Metro, no jornal "A República", isto em 1898, a verdade é que, sem qualquer dúvida, foram Jorge Fernandes e Jaime Wanderley os legítimos introdutores, os precursores da poesia moderna no Rio Grande do Norte. E atente-se para o fato de que foi Jaime, também, simultaneamente, um poeta parnasiano, preso à obrigatoriedade da métrica, dos hemistíquios nos alexandrinos, às cesuras, etc.

Há que se observar, por outro lado, permitam-me a digressão, que ser parnasiano não é necessariamente saber empregar, com absoluto rigor, a técnica desse verso, pois a só linguagem, o rítmo, a adjetivação, o vocabulário, etc., indicam o "espírito" parnasiano do poeta, independentemente, como já ficou dito, da correção métrica. E pode acontecer justamente o contrário, isto é, o verso estar absolutamente correto, no que respeita a métrica e tudo o mais, e não ser parnasiano, como podemos ver em Manuel Bandeira ou Vinícius de Morais, cujos versos, principalmente os deste último - os seus sonetos - chegam a adquirir um tom liricamente camoneano, observável com relativa facilidade por pessoas que se dediquem ao assunto.

Daí, poder-se chegar à conclusão lógica do que pretendo dizer acerca de Jorge Fernandes. E nem preciso falar nos seus famosos "poemas parnasianos" (de 1 a 5, e mais dois "sem número"), onde o autor, autenticamente dentro do contexto da poesia moderna, nos diz, zombando do parnasianismo: "Que linda manhã parnasiana.../Que vontade danada de escrever versos metrificados/contadinhos nos dedos."

Mesmo assim, embora dito de maneira irreverente, moderna (modernismo da época), quem me pode assegurar que não era sua vontade real, de fato, ser um parnasiano?

Bem, isto é um assunto controvertido, e não é justo que me baseie apenas em hipóteses.

Quanto ao mais, resta-me remeter o leitor que se interesse pelo problema ao ótimo trabalho: "Jorge Fernandes Desconhecido", de Esmeraldo Siqueira, publicado no Vol. 27, nº. 15 Nov. 1979/80, da Revista desta Academia.

Resumindo: a bem da verdade, não se pode dizer que tenha sido Jaime muito feliz no parnasianismo, bem como Jorge também não o foi, nas suas poucas investidas à citada escola.

Num exemplo ilustrativo, cito aqui uns três ou mais poemas de Jorge, em que a influência da referida escola bilaqueana é visivelmente notada. E nem podia ser diferente, se se considerar a convivência diária de Jorge com os poetas da época, inclusive o seu irmão Sebastião Fernandes, poeta amante do rigor métrico, sem que, entretanto, tenha conseguido atingir as alturas desejáveis que o situassem entre os maiores da terra.

Mas, eis um desses poemas "parnasianos", nem tanto parnasianos, mas românticos, de Jorge, sob o título: "Que tanto ele amou", sub-título: "Mãe Terra!"

FARN

Ferida, cavada,
A golpes de enxada,
Ela guarda a semente
Que brota, floresce.
E o fruto aparece
Ao vento a bailar!
E o filho faminto
Tem fruto, tem tudo,
Pra fome matar!

Depois já cansado
Um dia se aquieta
Quem sempre lutou!
Sem mágoas, sem dores,
Na sua tipóia,
Lá vai carregado
Sem dobres nem flores,
Dormir sossegado
No seio da terra
Que tanto ele amou!

Uma observação: este poema não se encontra na ótima edição organizada pelo nosso eminente amigo e confrade Veríssimo de Melo.

De outro poema de Jorge, "Deus lembrou-se de mim", só existe, transcrita na citada antologia, apenas a primeira estrofe, ditada a Veríssimo por Absalão Simoneti companheiro de Jorge no Tesouro do Estado.

O texto integral, entretanto, é o seguinte:

Deus lembrou-se de mim, lembrou-se!
Deu-me a provação dos mártires antigos,
A resignação dos pálidos mendigos
E o estoicismo dos santos medievais...

Minhas mãos estão cheias de messes,
Sobre a cabeça halos celestiais...

Deus lembrou-se de mim, lembrou-se!
Ungindo-me de bondade e de Amor.
Martirizou-me pra tornar-me Santo
E deu-me asas pra fugir da Dor!

(Poema publicado no jornal "O Democrata", de Natal, em 31/07/947).

Outro poema de Jorge Fernandes, em que se percebe um ritmo parnasiano é o intitulado "Doloroso embalo". Além deste, alinham-se "Folha Seca", "Contraste", "Poema", "Padre João Maria", "Oh; Minha Aldeia", "Preces à Lua" e mais um ou outro, sem falar num soneto não incluido no seu livro, soneto publicado no jornal **O Tempo**, de 1917.

Curiosamente, como já ficou dito, alguns desses poemas chegam a ter um ritmo de transição entre o romantismo e o parnasianismo.

Não é meu intuito, de maneira alguma, procurar diminuir o mérito de Jorge Fernandes. Move-me a intenção, entretanto, de dizer a verdade, apenas a verdade, sem exageros inúteis, não só em relação a Jorge, mas, também, a Jaime Wanderley. E tanto é que me propus, dentro do possível, ressaltar a similitude da poesia entre ambos os poetas.

Este desejo de proclamar a verdade, leva-me a exaltar, por exemplo, o poema "Zambê do negro Paulo", de Jorge, que não se encontra em nenhuma das edições publicadas, em nenhuma obra acerca do poeta.

Trata-se de um poema de rara beleza, sobre o qual numa apreciação publicada no suplemento "O Contexto", de 04/09/1977, tive a grata oportunidade de declarar o seguinte: "Num exame mais detido, podemos concluir que "Zambê do negro Paulo", pela sua pureza primitiva, pelo rítmo onomatopaico de seus versos, onde se misturam a música e a dança, os dois elementos mais constantes da po-

esia negra, é um poema mais afroamericano do que afrobrasileiro propriamente dito, e, por conseguinte, mais universal, ao nível de "Liturgia", de Alejo Carpentier, poeta cubano, ou "Danza Negra" e "Tambores", do portorriquenho Luis Palés Matos ou ainda "Essa Negra Fulô", de Jorge de Lima, publicado em 1930, vertido para o espanhol e inserido no "Mapa de La Poesia Negra Americana", de Emilio Ballagas (edição Pleamar, Buenos Aires, sem data)."

Conto com a complacência dos senhores acadêmicos para ler este notável poema, com o qual Jorge Fernandes consegue se situar dentro do contexto de uma poesia que veio a se chamar, depois, de **Negritude**, acrescido do fato curioso de que, em nenhum outro momento, em toda a sua obra, encontramos exemplo similar.

Ouçamos o poema:

Menino, escutava no silêncio da noite,
Na noite do sábado o som da puíta:

Tim bungo, bungo!!
Tim bungo, bungo!!
Tim bungo, bungo!!

(O zambê retumbante dos negros de Angola).
Os sons ecoavam nos sítios, nos morros,
Pareciam que vinham de Angola distante,
Pra gemer na cidade tão calma e tão triste,
Tão clara de dia, tão escura de noite,
Ao som da puíta do negro africano.

As estrelas bem vivas faiscavam no céu.
Um céu parecido com o céu que ele via
No tempo que andava por onde nasceu...

Tim bungo, bungo; Tim bungo, bungo!!
Arerê! Arerê... ôôô! ôôô... arerê!...
Ôôôô... ôôôô... arerê... arerê!...

Oh vozes gementes, soturnas, tristonhas!
E eu tinha medo do negro "Gabão"...
Também africano com os pés de elefante,
Inchados com "bôbas"... (Faziam-me dó!)
— Doenças tão feitas dos negros de Angola!!
Assim me dizia a Toti, minha avó!

E os sons da puíta zumbiam na noite:
Tim bungo!! Tim bungo! Tim bungo sem fim!
Até se perderem na noite dos tempos,
E andam agora zumbindo pra mim...

(Poema publicado na 4ª. página d' "A REPÚBLICA", no dia 16/10/1949).

Mais uma palavra, agora acerca das preferências literárias de Jorge. Conheci-o pessoalmente e posso afirmar que além dos brasileiros, tinha grande admiração pelos seguintes poetas portugueses: Cesário Verde, Antônio Nobre, Fernando Pessoa e Sá-Carneiro. Neste último, possivelmente, foi ele buscar a idéia (brincadeira gráfica, tentativa ideogramática, como queiram dizer) do poema "Rede", um dos seus mais expressivos trabalhos poéticos.

Mas, é tempo de retornar a Jaime, esse bardo sobre quem se poderia dizer que fez da vida um poema, pela intensidade de beleza com que viveu cada minuto de sua profícua e inspirada existência.

O seu "Flor de Estufa Entre Cactus", editado em 1968, é um livro dedicado à cidade de Caicó. No poema "O Rio Seridó", do citado livro, obra escrita sem maiores pretensões, diga-se a verdade, encontra-se esta jóia de poesia descritiva:

O rio desceu da crista
escarpada da serra.
Despencou-se pelas corredeiras,
caíu no abismo,
e, sertão abaixo,
derramou-se no vale, abojou o riacho,
rolando, depois, na cabeleira
branca das cachoeiras.

Mar barrento, toldado,
serpenteou, bufando, estourando,
arremetendo aos galões, aos saltos,
E vencendo várzeas
e alagados e capoeiras,
dominando os cabeços, mais altos,
ei-lo, que vem engravidando as ipueiras...

Insinuou-se na floresta,
destroçou vazantes, carregando
na sua vertigem, de roldão,
árvores, gentes sem vida,
destroços de moradas,
cercas e animais,
alagando a planície ressequida,
e povoando, com a sua massa líquida,
a inhóspita solidão, imensa, dos gerais.

E, pouco adiante, conclui:

O Rio Seridó, exausto de caminhar,
vencido no combate, contra a terra,
caíu nos braços do mar.

São interessantes, também, estes versos alexandrinos, parnasianos na forma, mas possuídos da linguagem modernista da época:

Nas gruguéias da serra, o silêncio se anula.
Escutam-se flautins, a trautear entre o pasto.
São bandos de mocós, que a cascavel açula
e os persegue, veloz, para um farto repasto.

Estes versos dodecassilábicos são prejudicados pelas rimas, todas da mesma categoria gramatical. Se levarmos em conta porém, que o que os ditou foi a idéia contrapondo-se à forma, essas "falhas" são até certo ponto perdoáveis.

Descrevendo o vaqueiro, no poema "O Herói das Campeadas" diz:

Aboia. E do lamento
os doces tons finais,
se espalham, como o mugir
do gado preguicento,
que se perde, no espaço
em tardes outornais.

Sempre é um tipo comum,
anda vestido em couro.
O sol tostou-lhe a cor
do rosto, pardacento,
deu-lhe tons de latão,
velho, ao cabelo louro.

Não é minha intenção, evidentemente, elevar Jaime ao cimo da poesia norte-rio-grandense, mas quero fazer-lhe justiça, essa justiça que às vezes lhe tem sido negada, a justiça de que foi ele um poeta que muitíssimo produziu, um poeta de méritos indiscutíveis, dentro do cenário das letras do nosso Estado.

Além de poeta, Jaime Wanderley foi teatrólogo, talvez o primeiro novelista norte-rio-grandense a ver suas peças radiofonizadas em sua terra.

Também incursionou pelo folclore. "Sinopse do Boi-Calemba" é um exemplo ilustrativo.

Autor de uma trintena de livros, incansável, já no lusco-fusco da vida, deu-nos o livro "É Tempo de Recordar", tornando-se um memorialista de excepcionais qualidades.

Foi Jaime, igualmente, um cultor exaltado da redondilha maior. Repito a assertiva, acrescentando que ele era um dos membros destacados da Academia de Trovas do Rio Grande do Norte, onde pontificava ao lado de Palmira Wanderley, de Mariano Coelho, de Esmeraldo Siqueira e de muitos outros trovadores de reconhecida importância, não só em nosso Estado, mas no panorama trovadoresco nacional, tendo sido premiado, inúmeras vezes, em Jogos Florais realizados em diversos Estados do Brasil.

Ilustremos esta afirmação com a transcrição de pelo menos cinco de suas magníficas trovas, profundas e, ao mesmo tempo, singelamente líricas, que é este o milagre maior e inexplicável da trova.

Ei-las, em sua indiscutível pureza:

Uma perfeita harmonia
a História santa contém:
cinco letras tem Maria,
Jesus tem cinco também.

Poesia! Suave perfume,
que obra milagre fecundo,
pois multiplica e resume
toda a beleza do mundo!

Vencendo do céu os marcos,
que balizam seus caminhos,
a lua que aclara os charcos,
é a mesma que aclara os ninhos.

A mulher da nossa vida,
na longa estrada, aparece.
É uma eterna conhecida,
que a gente jamais conhece.

Quando a noite veste o espaço
de lantejoulas de luz,
Natal parece um pedaço
do presépio de Jesus!

Figura de relevo de nossas letras, não é de estranhar que Jaime pertencesse a todas as instituições culturais da nossa terra. Assim, Jaime pertencia a esta Academia, à Academia de Trovas do Rio Grande do Norte, ao Instituto Histórico e Geográfico do RN, à União Brasileíra de Trovadores, seção deste Estado, e ao Clube de Poesia, do qual foi Presidente até a morte.

Intelectuais do nosso e de outros Estados não regatearam louvores a Jaime Wanderley. E não é demais transcrevermos algumas opiniões que comprovam nossa assertiva.

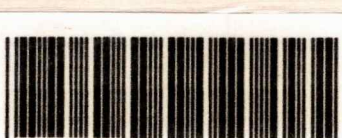
O poeta e escritor Franco Jasielo, por exemplo, nos oitenta anos de Jaime, diz estas palavras, que valem por um poema: "Seus oitenta anos, Jaime, não ilustram apenas a província ou o país: ilustram a existência." J. G. de Araújo Jorge, recentemente falecido, assim se expressou: "A poesia de Jaime dos G. Wanderley é descritiva. E como descreve a terra e os motivos nordestinos, é forte, rica de cores e viril, com a segura propriedade de quem conhece o idioma e o assunto." Aderbal de França (Danilo), o sempre lembrado cronista maior de nossa cidade, assim se pronuncia: "Poeta, cronista, teatrólogo e novelista, Jaime dos G. Wanderley tem a sua vida assinalada por excelentes trabalhos de inteligência e cultura." O escritor de feição regionalista, o nosso Manoel Rodrigues de Melo, também assim se refere sobre o poeta de "Espinho de Jurema": "Jaime dos G. Wanderley é um poeta do seu torrão natal, volta-

FARN

do para os problemas regionais, quer no verso, quer no drama, quer ainda na novela radiofonizada." O nosso saudoso Meira Pires, com a sua visão sempre voltada para os problemas do teatro, assim se referiu: "Se Jaime dos G. Wanderley fosse menos poeta, seria muito maior teatrólogo. Entretanto o seu velho coração, a sua inesgotável inspiração poética impede que ele enxergue com menos lirismo o doloroso instante em que vivemos."

Relativamente à sua atividade no teatro, onde se destacou ao lado de Sandoval Wanderley, assinalamos esta valiosa informação de José Américo de Almeida, o romancista de "Bagaceira": "Assistindo a representação de "O Homem Que Perdeu a Alma", saimos do Teatro Santa Rosa, com uma viva impressão de arte dramática moderna". Já o nosso Câmara Cascudo assim se referiu: "intensidade, interesse humano, vibração, elegância de estilo, vivacidade psicológica são elementos de "Alguém Chorou a Perdida", peça alta e nobre, da inteligência de Jaime dos G. Wanderley." Seu parente Rômulo Wanderley, nosso saudoso confrade, também externa a sua admiração com as as seguintes palavras: "Será lamentável se "Alguém Chorou a Perdida", peça de tão alto quilate, não sair das fronteiras do nosso Estado." Jorge Fernandes, o velho companheiro de boêmia no Magestic, que já lhe havia oferecido um poema, anteriormente, assim se manifesta: "Jaime dos G. Wanderley retirou do livro da vida, presente, uma página de interesse e emoção, transportando-a para o palco. Esta é a impressão que nos deixou o seu surpreendente trabalho teatral." Outra figura de nossas letras, Othoniel Menezes, também dá o seu testemunho: "Tive, ontem, sob os auspícios das lágrimas, a audição mais dramática desses últimos vinte anos de lirismo crônico — a da última peça teatral do grande e querido poeta Jaime dos G. Wanderley".

Muitas outras figuras, como Carlos Siqueira, Eugênio Neto, Umberto Peregrino, Paulo Andrade, Luiza Maria Dan-


F000239